

CONTEXTOS CRÍTICOS DE *SEI LÁ* NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO DO BRASIL

Critical Contexts of “sei lá” in Contemporary Brazilian Portuguese

Cristian Matias do Nascimento Corrêa¹, Mariangela Rios de Oliveira ²

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil
<https://orcid.org/0009-0001-5616-4085>
cristiancorrea@id.uff.br

² Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-1474-281X>
mariangelariosdeoliveira@gmail.com

Recebido em 05.07.2026

Aceito em 04.08.2026

Resumo: Com base na Linguística Funcional Centrada no Uso (Rosário, 2022; Rosário; Oliveira, 2016), analisamos interações do português contemporâneo do Brasil em que o marcador pragmático epistêmico *sei lá* passa a atuar na oração de predicado nominal, ocupando função predicativa (Corrêa, 2025). Classificamos tais padrões como contextos *críticos*, nos termos de Diewald (2006) e Diewald e Smirnova (2012), resultantes de mudanças construcionais. Trata-se de ambientes marcados por ambiguidades múltiplas, ao nível do formato (metonimização) e ao nível do significado (metaforização), e motivados também pelo processo de analogização, nos termos de Bybee (2016).

Palavras-chave: “Sei lá”; contextos críticos; mudança construcional; construção gramatical; português do Brasil.

Abstract: Drawing on Usage-Based Linguistics (Rosário, 2022; Rosário; Oliveira, 2016), this study examines interactions in contemporary Brazilian Portuguese in which the epistemic pragmatic marker *sei lá* comes to function within nominal predicate clauses, assuming a predicative role (Corrêa, 2025). We identify these patterns as *critical* contexts, in the sense of Diewald (2006) and Diewald & Smirnova (2012), arising from constructional change. Such contexts are characterized by multiple layers of ambiguity - at the level of form (metonymization) and at the level of meaning (metaphorization) - and are further shaped by processes of analogization, as described by Bybee (2016).

Keywords: “Sei lá”; critical contexts; constructional change; grammatical construction; Brazilian Portuguese.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, elegemos como objetos de pesquisa os chamados *contextos críticos*, nos termos de Diewald (2006) e Diewald e Smirnova (2012), em que ocorre *sei lá* no português contemporâneo do Brasil. Conforme as autoras, estamos nos referindo a segmentos de discurso marcados por ambiguidades múltiplas, tanto ao nível da função, quanto ao nível da forma, nos quais, respectivamente, mecanismos de natureza metafórica e metonímica atuam em prol da difusão categorial. Trata-se

de sequências como as seguintes, coletadas por Corrêa (2025) na rede social X (antigo *Twitter*):

(1) Comentário 1:

Eu até *estava/to sei lá ficando com alguém* que eu gosto da companhia, mas *sei lá* sabe, dar a entender claramente que a pessoa ainda tem sentimentos por outra pessoa, e eu não quero ser tampa buracos, não quero estar numa encruzilhada, e nem cabeça pra relacionamento estou agora

(2) Comentário 2:

Tá tudo tão estranho, *tudo tão, sei lá*. Será que esse é o fim ou eu que tô pensando demais novamente?

Como podemos observar em (1) e (2), *sei lá* atua como um *chunk* (Bybee, 2016). Conforme tal concepção, *sei lá* constitui um pareamento altamente vinculado de conteúdo e forma, na expressão de um tipo de modalização epistêmica pela qual o locutor expressa sua dúvida em relação a si mesmo, como em (1)¹, ou a uma situação exterior, como em (2). A criticidade contextual flagrada em tais ambientes se situa na ambiguidade acerca do *status* categorial de *sei lá*: trata-se de um Marcador Pragmático Epistêmico (MPE), como assumem Oliveira e Corrêa (2024) e Corrêa (2025)? Ou estamos diante do recrutamento de *sei lá* para, via analogização (Traugott; Trousdale, 2021), atuar como atributo em um predicado nominal, de acordo com a defesa de Corrêa (2025) em alguns contextos que examina? O olhar atento dos dados (1) e (2) nos mostra que a ambiguidade é constitutiva nestes contextos, o que revela a não prototipicidade de *sei lá* em tais ocorrências e a possibilidade de estarmos numa etapa de mudança no português contemporâneo do Brasil.

Nosso objetivo é levantar, descrever e analisar esses contextos críticos, testando a hipótese de que se trata de uma das evidências da gradiência linguística (Bybee, 2016). Assumimos que nossos objetos de pesquisa, no português contemporâneo, evidenciam um tipo de mudança em curso, notadamente em

¹ Referimo-nos à primeira instanciação de *sei lá* no trecho “Eu até estava/to sei lá ficando com alguém”. A segunda instanciação, no trecho “mas sei lá sabe”, é descrita como MPE (cf. Oliveira e Correa, 2024; Correa, 2025).

contextos mais informais, menos monitorados e com maior simetria entre os interlocutores. Consideramos que esses contextos críticos recrutam o MPE *sei lá*, um pareamento altamente convencionalizado na língua, como atesta Teixeira (2015), na função atributiva em sequências de predicado nominal, causando ambiguidade semântico-sintática e efeito de não-prototipicidade, nos termos de Duque (2019).

Na pesquisa dos ambientes difusos como os exemplificados em (1) e (2), pautamo-nos na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), com base em Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Rosário (2022) e Rosário e Oliveira (2016), entre outros. Esse viés teórico resulta da compatibilização entre o Funcionalismo de vertente norte-americana e a abordagem construcional da gramática, como se encontra em Traugott e Trousdale (2021) e Hilpert (2014), por exemplo. Nossa análise é sincrônica, com foco em dados do português contemporâneo do Brasil, a partir de metodologia eminentemente qualitativa, na investigação de propriedades contextuais que contribuem ou motivam a criticidade contextual como aqui assumida.

Para dar conta de nossos propósitos, este artigo está dividido em quatro seções subsequentes. A primeira se volta para a apresentação da base teórica que pauta nossas análises, a LFCU, destacando o tratamento construcional hoje assumido por esta perspectiva funcionalista; ainda nesta seção discorreremos acerca da metodologia adotada. A segunda seção é dedicada às subpartes que integram a construção [*sei lá*] e também à função marcadora pragmática epistêmica cumprida por este pareamento, como abordada por Oliveira e Santos (2011) e Teixeira (2015), de acordo com o postulado por Traugott (2021, 2022a, 2022b), uma vez que assumimos ser o padrão a partir do qual se forjam os contextos críticos em análise. Na terceira seção, procedemos ao tratamento interpretativo dos contextos críticos nos quais *sei lá* porta propriedades de MPE e de atributo em predicado nominal, com destaque para o alto nível de ambiguidade aí verificado. A quarta seção traz nossas considerações finais, em que sintetizamos esquematicamente as mudanças construcionais que levam à criticidade pesquisada. Por fim, trazemos o referencial teórico que embasa o artigo.

1. FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nossa investigação está pautada nos pressupostos da LFCU, como apresentados em Rosário (2022) e Rosário e Oliveira (2016). Nessa vertente teórica, a pesquisa funcionalista passa a incorporar a abordagem construcional da gramática, de viés cognitivista, na linha de Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001), entre outros. Conforme tal orientação, a língua é concebida como uma rede hierárquica e interconectada de *construções*, ou seja, de pareamentos convencionalizados de forma e significado, vinculados simbolicamente pela replicação na comunidade linguística. De acordo com Croft (2001), as construções estabelecem relações intrínsecas entre ambos os eixos. Segundo ele, referem-se ao primeiro eixo as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais; dizem respeito ao segundo eixo as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas.

Traugott e Trousdale (2021, p. 36) assim sintetizam o esquema construcional: $[[F]] \leftrightarrow [[S]]$. A flecha de dois lados constitui o elo de correspondência entre a forma F e o significado S da construção, enquanto os colchetes externos indicam a convencionalização como pareamento simbólico. Assim, por exemplo, temos a construção [sei lá] $\leftrightarrow$ [MPE].

Traugott e Trousdale (2021) distinguem construções lexicais, de conteúdo mais pleno, e construções procedurais, de sentido mais abstrato ou lógico. Com base em tal distinção, classificamos [sei lá]_{MPE} como um pareamento procedural, atuante no nível pragmático-discursivo do português. Conforme os autores, [sei lá]_{MPE} é uma construção: a) complexa, uma vez que se estrutura por duas subpartes altamente vinculadas em termos semântico-sintáticos – *sei* e *lá*; b) substantiva, dado que ambas as partes são totalmente preenchidas.

Para os referidos autores, o inventário de construções não é estável, uma vez que os usuários, devido a necessidades comunicativas, se apropriam de padrões já fixados e os reelaboram para novos propósitos. Portanto, segundo a LFCU, em consonância com a concepção funcionalista clássica, a língua exhibe a todo momento gradiência e variabilidade, como preconiza Bybee (2016). Ao comparar a estrutura linguística às dunas de areia, com sua estabilidade instável, a autora destaca a emergência como traço constitutivo da gramática.

Traugott (2022a, 2022b) faz referência à feição processual e à mudança linguística na pesquisa em LFCU a partir das redefinições de *construcionalização* e de *mudança construcional*. A autora concebe o primeiro termo como a convencionalização de uma nova e inédita associação simbólica de função e forma, consequente da replicação numa comunidade de usuários. A construcionalização resulta de mudanças construcionais, que se definem como modulações de usos contextuais, que vão impactando, via neoanálises, como metaforização ou metonimização, os eixos da forma ou do significado. As mudanças construcionais podem derivar em construcionalização ou se manter como alterações sutis sem chegar a um novo pareamento na língua, via fixação de contextos difusos ou ambíguos, que destacam a prototipia como traço constitutivo das categorias gramaticais, como ilustramos nos dados (1) e (2), apresentados na introdução deste artigo.

Para o tratamento de ambientes de ambiguidade múltipla como os referidos, adotamos a taxonomia formulada por Diewald e Smirnova (2012), sumarizada a seguir:

Figura 1: Cline contextual com base em Diewald e Smirnova (2012)



Fonte: Autoral

Na proposta das autoras, sintetizada na Figura 1 e elaborada primariamente para a captação de micropassos de mudança por gramaticalização, postula-se uma trajetória unidirecional. Esse caminho parte do contexto *atípico*, em que somente são verificadas mudanças ao nível do significado, via polissemias forjadas por implicações interacionais. A seguir, a rota atinge o contexto *crítico*, numa etapa em que ocorre opacidade múltipla, uma vez que, além da metaforização, com abstração e polissemia, tem-se a metonimização, fase em que se verificam ambiguidades estruturais, como a difusão de fronteiras entre constituintes. A terceira etapa é o contexto *isolado*, em que se efetiva a mudança linguística, com a criação de um novo item distinto daquele inicial que o forjou. O quarto e final estágio é a *paradigmatização*, em que esse novo item se

torna membro de outro paradigma gramatical. Neste artigo, portanto, nosso foco recai no estágio contextual crítico, em que se proliferam mudanças construcionais no eixo do significado ou da forma nas instanciações de [sei lá]_{MPE}, tal como ilustramos nos fragmentos (1) e (2).

Na perspectiva da LFCU, nossa investigação leva em conta também processos cognitivos de domínio geral, nos termos de Bybee (2016) e Diessel (2019). Um desses processos é o de *categorização*, pelo qual tendemos a agrupar constituintes da mesma espécie ou classe significativa; no Funcionalismo, a categorização tem a ver com a concepção de paradigma, como a dos marcadores pragmáticos (MP), e a de prototipia, na consideração de membros mais centrais ou mais marginais em cada categoria. Outro processo cognitivo relevante é o *chunking*, ou encadeamento, segundo o qual elementos usados em contiguidade com certa frequência tendem a formar um todo de forma e significado, sendo processados como uma só unidade, à semelhança de [sei lá]_{MPE}. O terceiro processo que nos interessa é a *analogização*, que diz respeito à tendência de criarmos novas formas de dizer a partir de modelos já fixados na língua, como um tipo de base formal para novos usos. De acordo com a pesquisa histórica de Teixeira (2015), constata-se que, via a construcionalização inicial do MP [vem cá] no século XVI, se forja o esquema maior de marcação pragmática constituído por verbo e locativo, codificado como [V Loc], que, via analogização, fornece a base estrutural para a convencionalização de uma série de outras construções MP, como [vamos lá], [espera aí] e [sei lá]. Por fim, fazemos referência ao processo de *cognição social*, que envolve a consideração da perspectiva dos interlocutores na interação, do nível de proximidade entre quem profere e quem recebe o que é veiculado, levando em conta os movimentos de atenção conjunta envolvidos nos contextos de uso e a atuação de inferências sugeridas, nos termos de Traugott e Dasher (2002).

Em termos metodológicos, adotamos abordagem eminentemente qualitativa, nos termos de Lacerda (2016), a partir da qual nos voltamos para a análise interpretativa de sequências textuais sincrônicas em que o uso de *sei lá* configurava-se como contexto crítico, conforme Diewald (2006) e Diewald e Smirnova (2012). Para

tanto, elegemos dois bancos de dados: o *Corpus do Português*² - CdP – aba Web/Dialetos, e a rede social X, antigo *Twitter*³.

Nossa escolha por tais fontes levaram em conta o tipo de uso pesquisado, de natureza mais informal, intersubjetiva e distensa. Assim orientados, a seleção da aba Web/Dialetos no CdP, majoritariamente constituída por blogues e comentários de internautas em ambiente virtual, mostrou-se relevante. Com relação ao site X, levamos em conta ser uma rede social diversificada e considerada pelos usuários como um ambiente “seguro”. Conforme Fonseca (2023, p. 84), nesse site

as manifestações de pensamentos, sentimentos, ideias e opiniões se dão de modo mais espontâneo, a linguagem menos monitorada confere maior informalidade à interação, situação comunicativa que favorece o uso de inovações linguísticas.

A pesquisadora ratifica a declaração ao afirmar mais adiante que o X “figura como um ambiente virtual propício à inovação de um uso linguístico, à neanálise (reinterpretação), à analogização (replicação de modelos) e à convencionalização de construções.” (Fonseca, 2023, p.86).

No levantamento geral de dados, trabalhamos com 499 contextos de uso de *sei lá*, distribuídos entre 148 do CdP e 351 do X. A coleta de dados no X foi realizada em duas etapas: 1) de 13/09/2023 a 28/02/2024; 2) de 1/03/2024 a 10/09/2024. Neste artigo, voltamo-nos somente para os contextos críticos de *sei lá*, que integram o grupo menos produtivo em ambos os *corpora* pesquisados, totalizando 53 sequências: uma no CdP e 52 no X. Como podemos observar, trata-se de ocorrências que perfazem cerca de 10% do levantamento geral, mas que constituem sequências muito relevantes para a detecção de mudanças construcionais aí envolvidas, atestadoras da gradiência linguística e da prototipicidade categorial, pressupostos caros à LFCU.

² <https://www.corpusdoportugues.org/>

³ <https://x.com/>

2. OBJETO DE PESQUISA

A origem etimológica do verbo *saber* remonta ao latim *sapere*, cujo significado inicial estava associado a “ter gosto, sabor” e que, em estágio posterior, passou a designar “ter conhecimento, compreender”. O termo latino deriva da raiz indo-europeia *sap-/sab-, vinculada a noções de percepção, discernimento e conhecimento. Antenor Nascentes, em seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, confirma essa etimologia, ao explicar que *saber* procede de *sapere*, de base indo-europeia. Já no português contemporâneo, o uso do verbo situa-se predominantemente no campo da percepção lógica, e não mais no sensorial, sendo empregado majoritariamente para expressar conhecimento. Por essa razão, costuma ser classificado nos estudos linguísticos como um verbo de cognição.

Ainda assim, essa não é a única função deste verbo. Kapp-Barboza (2017) descreve diferentes aspectos de *saber*, tais como: modal facultativo, modal epistêmico, evidencial de domínio comum, marcador discursivo e cognitivo. Outros autores também destacam a semântica cognitiva do verbo, como Sheibman (2000). Nesse mesmo horizonte, Tavares (2003) propõe uma classificação verbal fundamentada em traços semântico-pragmáticos, chegando a quinze categorias, a saber: momento, atividade específica, *dicendi*, atividade difusa, instância, estímulo mental, evento transitório intencional, evento transitório não intencional, processo, experimentação mental, atenuação, relacional, sensação corporal, existência e estado. Na categoria de *atenuação*, a autora inclui verbos que promovem “distanciamento ou suavização da opinião, achar, pensar” (Tavares; Freitag, 2010, p. 108), os quais, por pertencerem ao mesmo campo semântico de *saber*, assumem valor epistêmico. Ademais, como veremos mais adiante, os contextos de uso em que *sei lá* é instanciado tendem a ser permeados por verbos desse tipo, que acabam por conferir modalização epistêmica a todo o enunciado do qual fazem parte.

De forma convergente, Neves (2000, p. 62) classifica *saber* como verbo cognitivo e o insere no conjunto dos verbos modalizadores. Segundo a autora, tais elementos podem expressar modalidade epistêmica, ligada ao conhecimento, e modalidade deôntica, vinculada à noção de dever. Além disso, são capazes de marcar nuances de necessidade epistêmica, possibilidade epistêmica, necessidade deôntica

e possibilidade deôntica. Para os fins do presente estudo, destaca-se sobretudo a proposta da autora no que concerne aos modalizadores epistêmicos, pois estes se relacionam diretamente à expressão dos conhecimentos e crenças do falante, bem como ao grau de certeza ou de descomprometimento assumido frente ao conteúdo da enunciação.

O pronome locativo *lá* tem origem no latim *illāc*, forma composta pelo pronome demonstrativo *ille* “aquele” e pelo sufixo locativo *-ac*, indicando afastamento espacial. Em latim, *illāc* era empregado para designar um lugar remoto, valor que foi preservado na evolução para o português, em que *lá* passou a denotar localização distante em relação ao falante (Cunha, 2010).

Nas gramáticas tradicionais, *lá* é geralmente classificado como advérbio de lugar, associado à ideia de longinquidade. Rocha Lima (2011), por exemplo, descreve-o como advérbio que indica distância em relação ao falante. Bechara (2001), por sua vez, ressalta sua grande mobilidade semântica e funcional. Já Camara Jr. (1970) problematiza a própria classificação dos advérbios como classe autônoma, defendendo que eles desempenham funções tradicionalmente ligadas a nomes e pronomes. Para o autor, os advérbios seriam vocábulos “terciários” ou “subjuntos”, por atuarem como determinantes de outros determinantes. Ainda segundo o referido pesquisador, *lá* faz parte de um “sistema de locativos, ou seja, de demonstrativos em função adverbial” (Camara Jr., 1970, p. 124), grupo que reúne ainda *aqui*, *aí* e *ali*. O autor observa, ainda, que certos advérbios podem exercer função conectiva, apontando para a necessidade de aprofundar a investigação sobre essa categoria.

Martelotta (2012) acrescenta que descrever os usos dos advérbios como uma classe homogênea equivale a montar um quebra-cabeça de muitas peças, tarefa que exige parcimônia. Segundo o autor, a descrição dos advérbios é particularmente complexa, pois não se trata de um “quebra-cabeça tradicional, com estrutura bidirecional” (Martelotta, 2012, p. 95), mas de uma configuração mais intrincada, que envolve múltiplas dimensões além de largura e altura.

Oliveira (2018) observa que, mesmo em estudos contemporâneos da língua portuguesa no Brasil, como os de Ilari et al. (1990), Neves (2000), Castilho (2010) e Bagno (2011), a categoria dos advérbios continua a ser descrita como pouco precisa. Segundo a autora, trata-se de uma classe de limites difusos, composta por elementos

bastante heterogêneos, que não compartilham um conjunto consistente de traços (Oliveira, 2018, p. 115-116). A pesquisadora acrescenta, ainda, que tal heterogeneidade “é incrementada pelo fato de os advérbios funcionarem num plano de utilização da língua que oscila entre o campo do léxico e o da gramática, vinculados ou não a outro item” (Oliveira, 2023, p.85).

Martelotta (2012, p. 80) observa que os pronomes *aqui*, *aí*, *ali*, *cá* e *lá* constituem uma subclasse adverbial denominada “circunstanciais locativos”. Essa subclasse é caracterizada por sua função dêitica, uma vez que tais elementos servem para localizar e apontar pontos de referência tanto no espaço físico quanto no discursivo. Como se trata de itens pronominais, seu valor semântico depende das propriedades pragmático-discursivas dos contextos de uso.

O uso de *lá*, de acordo com Batoréo (2000), não se restringe à indicação de distância espacial, mas envolve também a noção de “granularidade vasta”, isto é, a referência a um espaço genérico e não delimitado. Essa característica diferencia o termo de outros locativos, como *ali*, por exemplo, cuja granularidade é fina, estreita. Consideramos que tanto a ideia de afastamento em relação ao espaço interlocutivo quanto a noção de granularidade extensa funcionam como fatores que motivam o emprego de *lá* nos diferentes padrões construcionais instanciados por *se lá*. Em outras palavras, o sentido de distanciamento do locativo *lá*, bem como sua granularidade vasta, concorrem para o efeito de afastamento ou falta de certeza do saber em relação à determinada proposição.

A declaração de Oliveira (2023) vai ao encontro da reflexão anterior. Para a pesquisadora “os pronomes de granularidade vasta [...] tendem a integrar padrões construcionais complexos do português, devido justamente ao sentido vago e genérico do espaço que apontam” (Oliveira, 2023, p.105).

No âmbito da Morfologia Construcional, Booij (2013) apresenta uma perspectiva distinta sobre esses elementos ao classificá-los como *afixoides*. O autor define o *afixoide* como um constituinte que guarda semelhanças com os afixos tradicionais, compartilhando algumas de suas propriedades, mas apresentando também características que o diferenciam. No quadro teórico da LFCU, os *afixoides* são concebidos como subpartes periféricas das construções, que contribuem para sua

forma e para seu conteúdo global. É nesse sentido que se pode compreender o estatuto da subparte do *lá* em [sei lá]_{MPE}.

Dentre os gramáticos tradicionais, Bechara (2010) é o único que faz uma breve referência à expressão *sei lá* em sua gramática escolar, no capítulo dedicado ao advérbio. O autor afirma que o arranjo expressa uma circunstância adverbial de negação “graças ao significado das palavras empregadas e ao nosso saber do mundo” (Bechara, 2010, p. 277). Para exemplificar, apresenta o seguinte caso:

1. negação: *Não lerá sem óculos. Sei lá. (= não sei)* (grifos do autor).

Segundo o gramático, “em *sei lá*, com sentido de ‘não sei’, além da entoação espacial, o *lá* se explica pelo fato de referir-se a algo distante da área do falante e, por isso, no domínio de seu desconhecimento” (Bechara, 2010, p. 277).

Além da referida gramática, identificamos o arranjo mencionado no dicionário Caudas Aulete (2004, p.480), na entrada de *lá*, também como sinônimo de negação:

2. Não: Sei lá como foi, o fato é que fizeram as pazes. (grifos do autor).

Outra obra em que encontramos menção feita a *sei lá* é no *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa Online*⁴, na entrada do verbo *saber*. Nas definições fornecidas, a expressão é alocada na seção de locuções, com a seguinte acepção:

3. Sei lá: fórmula que indica desconhecimento e equivale a *não sei*; e eu o sei? <- Se chove hoje? Sei lá. >

Já na esteira de estudos funcionalistas, mais especificamente na vertente do Funcionalismo Clássico, voltada aos processos de gramaticalização, Oliveira e Santos (2011), em investigação de caráter seminal, analisam a expressão *sei lá* e seus padrões de uso. Com o objetivo de descrever tais padrões, os autores defendem a hipótese de que a expressão é fruto de um processo de gramaticalização, no qual seus constituintes internos — a forma verbal cognitiva (*sei*) e o pronome locativo (*lá*) — passam a compor uma unidade de nível superior. Nessa unidade, forma e sentido se integram e assumem funções no plano pragmático-discursivo:

a expressão *sei lá* é resultante de um processo de gramaticalização, no qual seus constituintes internos, a forma verbal cognitiva (*sei*) e o pronome locativo (*lá*), compõem uma unidade de nível superior, um todo de sentido e forma

⁴ https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#3

que passa a assumir funções no nível pragmático-discursivo. (Oliveira; Santos, 2011, p. 364)

Dentre as funções discursivas desempenhadas por *sei lá*, os autores destacam duas: a de modalização e a de marcação discursiva. À luz dessa discussão, Oliveira e Santos (2011) defendem que tais funções atribuídas à expressão *sei lá* “situam-se num *cline* de gramaticalização, no qual a função modalizadora antecede a de marcação na unidirecionalidade da mudança linguística” (Oliveira; Santos, 2011, p. 364). Para os autores, a unidirecionalidade ilustra justamente o deslocamento da expressão do nível lexical para o procedural. Tal deslocamento ocorre, segundo os pesquisadores,

[...] num processo em que a função de *sei lá* não pode mais ser apreendida pela mera soma de suas unidades, mas sim pelo modo como se organiza internamente e se articula, metonimicamente, nos contextos de sua ocorrência, com vistas ao atingimento de propósitos comunicativos para além da referência lexical de seus elementos internos. (Oliveira; Santos, 2011, p. 364)

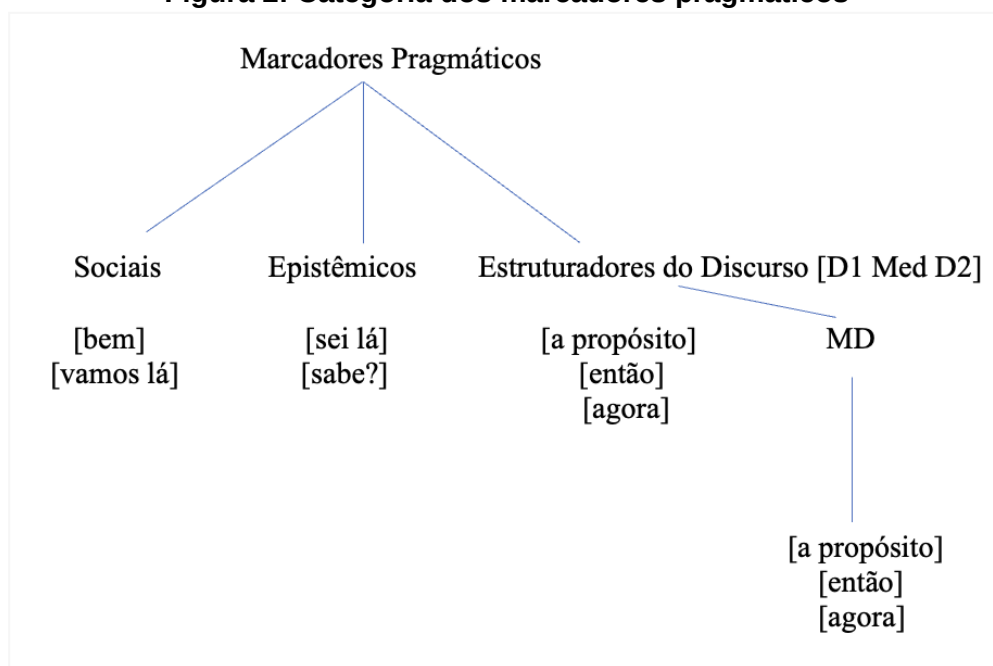
Ainda que não trate da expressão *sei lá* diretamente, Oliveira e Teixeira (2015) desenvolvem uma ampla descrição da rede de marcadores pragmáticos constituídos por elementos de base verbal e locativa, pertencentes ao esquema [VLoc]_{MP}, do qual *sei lá* é integrante. No rastreamento histórico do surgimento de tais marcadores no português, as autoras identificam a ocorrência de *vem cá*, ainda século XVI, como caso exemplar de elementos dessa natureza (Oliveira; Teixeira, 2015, p.177-178). A partir de sua convencionalização, outras microconstruções, de caráter mais periférico, passam a emergir por meio de relações analógicas, sobretudo com verbos de aspecto volitivo, elocutivo e cognitivo. É nesse último grupo verbal que se insere a expressão *sei lá*.

Em proposta mais recente, Traugott (2022a; 2022b) define os traços categoriais dos MP e assume que tais elementos: i) fornecem pistas de processamento sobre como interpretar a cláusula principal (procedurais); ii) são multifuncionais; iii) não são sintaticamente integrados à cláusula principal; iv) são frequentemente móveis, ou seja, utilizáveis em diversas posições do enunciado; podendo aparecer em posições

iniciais, finais ou mediais, mas nem todos os MP podem ser instanciados em todas as posições e v) não possuem valor de verdade.

A autora, ao defender o lugar da pragmática no tratamento construcional da gramática, estabelece três subtipos de MP: os sociais, os epistêmicos e os estruturadores do discurso; estes podendo assumir papel mais multifuncional e, via mudança construcional, se tornarem marcadores discursivos (MD). A Figura 2, a seguir, ilustra a proposta de Traugott (2022a) a partir de MPs do português:

Figura 2: Categoria dos marcadores pragmáticos



Fonte: Autoral, baseada em (Traugott, 2022a, p.60)

Com base na taxonomia ilustrada na Figura 2, consideramos que *sei lá* se insere na ampla categoria dos MP. Tal classificação se justifica pelo fato de a expressão compartilhar traços descritos por Traugott (2022a, p. 60), como: a ausência de valor de verdade, o caráter eminentemente pragmático e a possibilidade de expressar avaliações ou atitudes do falante. Além disso, o elemento apresenta multifuncionalidade, podendo assumir distintas funções discursivas. No interior da referida categoria, situamos *sei lá* no subgrupo dos marcadores pragmáticos epistêmicos (MPE), em virtude de sua função modalizadora em contextos específicos de uso.

3. CONTEXTOS CRÍTICOS DE “SEI LÁ”

Nesta seção, dedicamo-nos à análise das sequências em que a construção MPE [sei lá] é instanciada em contextos críticos, nos quais, conforme Diewald (2006) e Diewald e Smirnova (2012), proliferam ambiguidades tanto ao nível do significado (metaforização) quanto ao nível da forma (metonimização). Implicaturas conversacionais e opacidades estruturais, tomadas como mudanças construcionais (Traugott, 2022a, 2022b), são critérios que utilizamos para a classificação desses dados, em instanciações que parecem situar-se a meio caminho entre a marcação pragmática e a predicação nominal.

Como já declaramos, trata-se de contextos flagrados em 53 dados coletados em nossa pesquisa, tais como os fragmentos (1) e (2), ilustrados na seção introdutória deste artigo. Desses dados, somente um foi captado no CdP, como a seguir:

- (3) O pior é que não posso dividir isso com ninguém que vê nossa história, todo mundo acha que ele é apaixonado e encantado por mim, que faço muito doce. Uma loucura, *estou meio sei lá, anestesiada*. Só que ele não me larga, e eu não consigo largar de ele. Ligações diárias de 3 horas, nos vemos pelo menos duas vezes por semana, e-mails, msn, essa vida é uma merda mesmo!

Em (3), numa sequência marcada pela subjetividade, a usuária de um blogue, em tom confessional, declara sua incapacidade em lidar com uma situação amorosa intensa. Para expressar seu estado emocional e a dificuldade do momento vivido, em meio ao comentário, ela declara “Uma loucura, estou meio sei lá, anestesiada”. A criticidade contextual que detectamos aí tem como base a possibilidade de dois caminhos interpretativos para o estatuto de *sei lá* nessa declaração, a seguir ilustrados:

(3') Uma loucura, estou meio [sei lá], anestesiada.

(3'') Uma loucura, [estou meio sei lá], anestesiada.

Conforme a leitura a partir de (3'), podemos interpretar *sei lá* como um MPE disposto como uma inserção no predicado nominal *estou meio anestesiada*, concorrendo para o afastamento do atributo *anestesiada* em relação ao restante da

oração. Já o exercício interpretativo em (3'') nos leva a considerar que *sei lá* é parte efetiva da oração *estou meio sei lá*, agora assumindo a função de atributo, assim, o termo subsequente, *anestesiada*, poderia ser tomado como um tipo de aposto deste atributo, em maior nível de especificação. Essa dupla possibilidade, operada a partir de neonálises ao nível da forma ou do significado, nos leva a assumir a criticidade contextual de tais padrões de uso.

No site X, a produtividade desses padrões é maior, totalizando 52 dos 53 dados levantados, devido, provavelmente, às propriedades pragmático-discursivas deste ambiente virtual, em que inovações linguísticas, motivadas por expressividade e criatividade (Furtado da Cunha; Cezario, 2023), são mais esperadas. Os dados a seguir ilustram o comentário:

(4) Comentário 3:

Tô tão sei lá, desanimada com tudo e com todos.....

(4') Tô tão [sei lá], desanimada com tudo e com todos.....

(4'') [Tô tão sei lá], desanimada com tudo e com todos.....

(5) Comentário 4:

Eu tô tão sei lá, sem vontade de nada

(5') Eu tô tão [sei lá], sem vontade de nada

(5'') [Eu tô tão sei lá], sem vontade de nada

(6) Comentário 5:

ultimamente *tô tão sei lá*... inacessível, incomunicável, insuportável e quietinha no meu canto

(6') ultimamente tô tão [sei lá]... inacessível, incomunicável, insuportável e quietinha no meu canto

(6'') [ultimamente tô tão sei lá]... inacessível, incomunicável, insuportável e quietinha no meu canto

Nos comentários de (4) a (6), constatamos a mesma criticidade contextual dos fragmentos anteriormente ilustrados, em que são licenciadas duas funcionalidades para *sei lá* – como MPE e como atributo de oração de predicado nominal. Essa dupla possibilidade funcional impacta também o nível ou não de vinculação sintática de *sei*

lá à sequência em que é usado – fora do eixo sintático, como MPE, ou núcleo do predicado nominal, como predicativo do sujeito.

Outra tendência que os 52 dados apontam é que se trata de contextos em que é preponderante a marca da subjetividade e do tom confessional. São sequências em que o locutor expressa sua emoção basicamente: a) com o uso do verbo *estar* (em 51 dados), um elemento que expressa estado temporário ou transitório; b) na primeira pessoa do singular (em 50 dados); c) no presente do indicativo (em 50 dados). Tal tipo de uso vai ao encontro do que caracteriza as postagens na rede social X, marcadas pela dinamicidade temporal e pela simultaneidade das interações. Portanto, os internautas, nesse ambiente virtual, falam de sua condição interior no aqui e no agora, na referência ao estado emocional em que se encontram.

Esse estado emocional do locutor pode ser graduado também, como constatamos com o uso do intensificador *tão* anteposto a *sei lá* em (2), (4), (5) e (6), ou com *meio*, em (3). De outra parte, a inserção de tais elementos graduadores evidencia que a vinculação semântico-sintática de *estar* e *sei lá*, nesses contextos, não é cabal, ou seja, não chega a um *chunk* pleno, nos termos de Bybee (2016). Trata-se de um tipo de expressão cujo pareamento, por admitir esse tipo de inserção, ainda não é tão convencionalizado.

Uma terceira tendência verificada a partir de nossa análise interpretativa, e que ratifica a forte marca subjetiva de tais usos, é um tipo de qualificação complexa e difusa, feita por parte do locutor em relação a seu estado emocional, após o uso de *sei lá*. Esse tipo de ordenação atributiva vai ao encontro da semântica de [sei lá]_{MPE}, relacionada à vagueza e à indefinição. Assim, em (4), “desanimada com tudo e com todos” qualificada a locutora; em (5), “sem vontade de nada” descreve o estado emocional do usuário; em (6), “inacessível, incomunicável, insuportável e quietinha no meu canto” definem o estado da internauta “ultimamente”.

Assumimos que esses contextos críticos se forjam pelo recrutamento de [sei lá]_{MPE}, uma construção produtiva e muito convencionalizada no português contemporâneo, integrante de um esquema de marcação há muito convencionalizado na língua, como demonstra Teixeira (2015), para, por intermédio de pressões contextuais e processamento analógico, preencher uma subparte aberta de outro esquema construcional. Estamos nos referindo à oração de predicado nominal (OPN),

integrada por sujeito, verbo de ligação e predicativo e codificada como [S VI P_{adj}], que, no caso dos contextos críticos em análise, pode ter a subparte adjetiva preenchida por *sei lá*, na formação [S VI *sei lá*_{adj}].

Assim, consideramos que [sei lá]_{MPE}, por conta do significado que expressa e do *chunk* que constitui, por um processo de *coerção* (Goldberg, 1995), passa a ocupar o lugar da subparte adjetiva na OPN, concorrendo para a expressão de estados emocionais subjetivos e vagos, em contextos específicos. Conforme Furtado da Cunha e Cezario (2023), trata-se de um recurso de criatividade e de produtividade linguísticas, que impacta a categorização gramatical, uma vez que coage um membro categorial a assumir traços de membro de outra categoria. No caso de nossos objetos de pesquisa, [sei lá]_{MPE} passa a portar, nos contextos referidos, propriedades atributivas na construção [S VI *sei lá*_{adj}], o que tem por consequência contextos difusos, marcados por ambiguidades múltiplas, como os aqui examinados.

De acordo com Furtado da Cunha e Cezario (2023, p. 6),

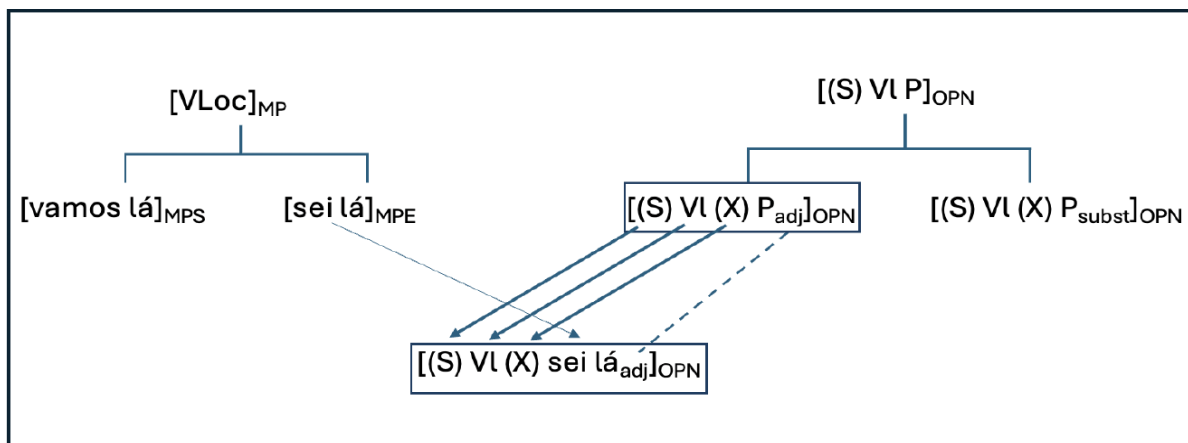
O fato de as categorias não serem discretas cria a possibilidade de elas mudarem de função, como, por exemplo, um advérbio passar a conjunção ou um verbo pleno passar a ser usado como auxiliar. Nosso conhecimento linguístico, embasado pela capacidade de categorizar, de fazer analogia, por exemplo, engloba a habilidade de compreender uma construção mais antiga usada num contexto mais novo.

Atribuímos a coerção de [sei lá]_{MPE} para preenchimento da subparte adjetiva da OPN ao tipo de significado veiculado por este MPE. O sentido de vagueza, de inespecificação ou de vaguidão expresso por esse elemento motiva seu recrutamento como atributo para a referência inicial a estados emocionais do locutor, que são, nos dados críticos aqui analisados, detalhados mais especificamente na sequência do que é proferido. Assim, por exemplo, os atributos “anestesiada”, “desanimada com tudo e com todos”, “sem vontade de nada”, ou ainda “inacessível, incomunicável, insuportável e quietinha no meu canto”, constantes em (3), (4), (5) e (6), que se seguem a *sei lá*, se tornam passíveis de duas interpretações: trata-se dos efetivos predicativos da OPN ou de um tipo de aposto de *sei lá* na função predicativa?

Para responder a essa indagação, pautamo-nos em Furtado da Cunha e Cezario (2023, p. 11), com base na declaração de que “cada construção linguística está ligada a outras numa rede e é essa exatamente a concepção de gramática que

os modelos construcionistas sustentam: gramática é, então, a rede de construções de uma língua.” Nesse sentido, consideramos que os contextos críticos aqui analisados são instâncias de um tipo de cruzamento de dois padrões construcionais já convencionalizados no português: [sei lá]_{MPE} e [S VI P_{adj}]_{OPN}. Na figura a seguir, apresentamos o modelo esquemático que subjaz aos usos sob nossa análise:

Figura 3: Relações construcionais entre [sei lá]_{MPE} e [S VI P_{adj}]_{OPN}



Fonte: Corrêa (2025, p. 103)

A Figura 3 ilustra um formato de cruzamento de dois padrões construcionais, numa correspondência que Rosário e Lopes (2019, p. 96) classificam como *relação de construcionalidade de tipo 3*, efetivada na sincronia atual e somente “possível quando há coexistência das duas construções (em nível superordenado) em uma mesma sincronia.” Assim, como Corrêa (2025), assumimos que os contextos críticos analisados neste artigo resultam do entrecruzamento de [sei lá]_{MPE} e de um subtipo de OPN formado por S (sujeito), VI (verbo de ligação), X (inserção) e P_{adj} (predicativo adjetival); as subpartes entre parênteses assinalam que sua instanciação é facultativa na construção.

A Figura 3 ilustra também que, para a combinação das duas construções, [sei lá]_{MPE} é coagido a ocupar a subparte final da OPN. Com isso, instaura-se a ambiguidade contextual aqui analisada, o que concorre também para impactar a categorização de *sei lá*, que fica em posição marginal na classe dos MPE, ao passar a assumir traços de predicativo na construção OPN.

Como Bybee (2016), consideramos que essa difusão semântico-sintática é evidência da gradiência do português contemporâneo do Brasil. Fundamentados em Traugott (2022a, 2022b), assumimos ainda que movimento esquemático ilustrado na Figura 3 se configura como uma mudança pós-construcional em relação à [sei lá]_{MPE}, como um tipo de alteração recente ainda em curso na língua.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, voltamo-nos para a análise, a partir da LFCU, de contextos críticos (Diewald, 2006; Diewald; Smirnova, 2012), nos quais duas construções do português, [sei lá]_{MPE} e [S VI P_{adj}]_{OPN}, se combinam na sincronia atual e forjam um tipo de mudança construcional codificada como [S VI sei lá_{adj}]_{OPN}.

Em usos instanciados a partir dessa codificação, proliferam ambiguidades, tanto ao nível do significado quanto ao nível da forma, em relações de ordem metafórica e metonímica, respectivamente. As mudanças construcionais detectadas nesses ambientes textuais são motivadas também pelo processo de analogização, por intermédio da coerção de [sei lá]_{MPE} para preenchimento da subparte predicativa em [S VI P_{adj}]_{OPN}, o que evidencia a complexidade do processo de mudança linguística.

Constatamos que os contextos críticos sob análise ainda são pouco produtivos no português, comparados àqueles que instanciam efetivamente [sei lá]_{MPE} e [S VI P_{adj}]_{OPN}. Por outro lado, detectamos que interações menos monitoradas, envolvendo interlocutores em simetria e tratamento de temas mais subjetivos, realizadas em redes sociais como o X, motivam os referidos contextos, o que é indício de provável mudança em curso.

Por fim, consideramos que os resultados aqui trazidos e discutidos devem ser testados a partir de dados em quantidade mais consistente, envolvendo outras redes sociais além do X, por exemplo. É preciso examinar ainda, em termos históricos, se os contextos críticos analisados são, de fato, uma realização do português contemporâneo do Brasil ou se há, na trajetória da língua, ambientes em que já se detectam arranjos deste tipo.

REFERÊNCIAS

- BOOIJ, G. **Morphology in Construction Grammar**. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, G. (Eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 255-273.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].
- CAMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 32^a ed., Petrópolis, Vozes, 1970.
- CORRÊA, C. M. N. **Instanciações de [sei lá] em dois padrões construcionais do português brasileiro contemporâneo**. 209 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2025.
- CROFT, W. **Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective**. New York: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DIEWALD, G. Contexts types in grammaticalization as constructions. In: Special Volume 1: **Constructions all over** – case studies and theoretical implications. 2006. Disponível em: www.constructions-online.de/009-4-6860. Acesso em: 10 de fev. 2020.
- DIEWALD, G; SMIRNOVA, E. “Paradigmatic integration”: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, K. *et al* (Eds.). **Grammaticalization and language change** – new reflections. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012, p.111-131.
- DUQUE, P. H. Categorização: a perspectiva de protótipos. In: SOUSA, Ada Lima; DUQUE, Paulo Henrique (Orgs.). **Cognição e práticas discursivas**. Natal: EDUFRRN, 2019, p. 42-67.
- FONSECA, M. B. R. **“Vem cá” e “chega aí”: uma análise contrastiva e funcional centrada no uso**. 166 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2013, p. 13-40.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; CEZARIO, M. M. Conhecimento, criatividade e produtividade sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Alfa**, v. 67, p. 1-27, 2023.

GOLDBERG, A. **Constructions**: a construction approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

KAPP-BARBOZA, A. M. M. **Usos do verbo Saber e a expressão da evidencialidade no português brasileiro**. (Doutorado em estudos linguísticos) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Unesp, São José do Rio Preto, 2017.

HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2ª ed. São Paulo: Unesp, 2000.

OLIVEIRA, M. R. O afixoide “lá” em construções do português – perspectivização espacial e (inter)subjeficação. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro/RJ, v. 14, n. 1, p. 109-129, 2018.

OLIVEIRA, M. R. Pronomes locativos do português na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios (Org.). **Articulação do espaço no português**: uma abordagem cognitivista, funcionalista e construcional. Campinas, Pontes Editores, 2023, p.83-118.

OLIVEIRA, M. R.; CORRÊA, C. M. N. O chunk [sei lá] em duas construções do português contemporâneo do Brasil. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 18, n. 40, p. 289-308, 2024.

OLIVEIRA, M. R.; SANTOS, L. . Padrões de uso da expressão “sei lá” no português. **Signótica**, v. 23, n. 2, p. 363-384, 2011.

OLIVEIRA, M. R.; TEIXEIRA, A. C. M. Construções locativas de base verbal. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.) **A gramática da oração**: diferentes olhares. Natal, EdUFRN, 2015, p.167-192.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: 113 José Olympio, 2011.

ROSÁRIO, I. C. (Org.). **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso**: teoria, método e aplicação. Niterói: EdUFF, 2022.

ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. G. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. In: **Soletras**, v. 37, p. 83-102, 2019.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, v. 2, n. 60, p. 233-259, 2016.

SCHEIBMAN, J. Local patterns of subjectivity. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Eds.). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000. p. 61-90

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. 302 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, M. A.; FREITAG, R. Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais concretos. **Linguística**, v. 6, n. 1, p. 103-119, 2010.

TEIXEIRA, A. C. M. **A construção verbal marcadora discursiva VLocmd**: uma análise funcional centrada no uso. 297 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, E. C. A constructional perspective on the rise of metatextual discourse markers. **Cadernos de Linguística**, Campinas, v. 2, n. 1, p.1-25, 2021.

TRAUGOTT, E. C. **Discourse Structuring Markers in English**: A Historical Constructionalist Perspective on Pragmatics. Lancaster: John Benjamins Publishing Company, 2022a.

TRAUGOTT, E. C. **Ten Lectures on a Diachronic Constructionalist Approach to Discourse Structuring Markers**: 27. Leiden/Boston: Brill, 2022b.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. **Regularity in Semantic Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021 [2013].

Sobre os(as) autores(as)**Cristian Matias do Nascimento Corrêa**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF, vinculado à Linha de pesquisa 1: Teoria e análise linguística, com bolsa do CNPq. Membro do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF. É mestre Estudos de Linguagem pelo mesmo programa, tendo sido bolsista IC da UFF, com premiação institucional na área em todas as jornadas do Pibic.

Mariangela Rios de Oliveira

Professora titular de Língua Portuguesa e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF. Bolsista de produtividade e membro do CA de Linguística do CNPQ; Cientista do Nosso Estado pela Faperj. Fundadora e vice-líder do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF. Sócia honorária da Abralin.